

BOCA
LARGA
BOB!



**Doutores
da Alegria**

12 • 2021

?

!

!

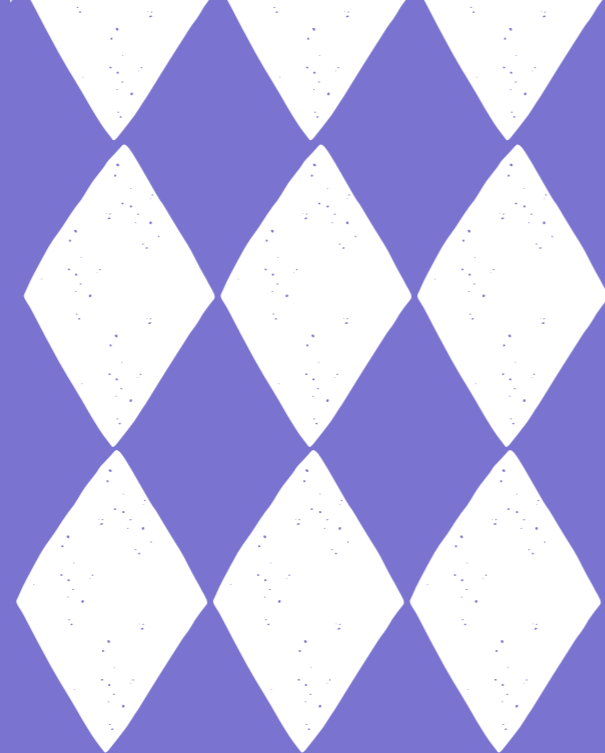
!

EE

S

!

EE



BOCA LARGA

E, SE...?



Num tempo em que as pessoas dependem cada vez mais da virtualidade computacional para estocar as memórias e simular ideias, a navegação virtual pelo mundo dos símbolos, à disposição consciente do sonhador em sua pseudoinfinitude de representações recombinadas, sinaliza uma renovação de nosso futuro de carne e osso. O desbravamento da lucidez onírica abrirá novos caminhos para a criatividade, a invenção e a descoberta humanas, com riquíssimas possibilidades ainda por explorar. Se não imaginarmos o futuro, corremos o risco de comprometê-lo irremediavelmente.

SIDARTA RIBEIRO



DA MELANCOLIA À UTOPIA

Lourdes Atié

Diretora de Formação

Quando terminou 2020, tínhamos esperança de que 2021 fosse um tempo de retomada à vida que havia sido confiscada e nos colocou na clausura, tentando fazer o tal home office, confirmando a cada dia que home não é office. Porém, nós fizemos parte do grupo dos privilegiados, diante da multidão de trabalhadores que não puderam fazer teletrabalho e seguiram trabalhando presencialmente, mesmo em tempos pandêmicos.

Não se trata aqui de dizer quem teve mais sorte ou mais privilégios, diante do pandemônio em que o Brasil se encontra. Nosso desafio é pensar que, diante de tantos lutos de diversas naturezas trazidos pelo novo coronavírus, o que conseguimos sonhar para além do que vivemos? Ainda temos força para isso?

A pandemia ainda não passou e não temos a dimensão do quanto ela nos afetou. Mudamos muitos hábitos e fomos obrigados a fazer muitas coisas pela primeira vez. O que aprendemos com tudo que vivemos? Como sair da melancolia que nos encontramos para seguir construindo utopias?

Constato que, neste final de ano, as pessoas estão com pressa de terem “suas vidas de volta”. A vida que querem é a que já começamos a viver: aeroportos lotados, comércio retomando suas atividades, res-

taurantes com lista de espera, trânsito paulistano de volta ao caos. Uma visão saudosista que, de alguma forma, dissimula o que tínhamos - a vida que levávamos antes da pandemia também não era boa. Acelerada demais, competitiva demais, consumista, individualista e violentamente desigual.

Não estou querendo piorar o cenário melancólico, mas apenas lembrando que o tempo não volta (que bom!) e se tentarmos voltar ao passado teremos perdido uma grande oportunidade de transformação.

Sabíamos que já estávamos vivendo a “modernidade líquida”, num “interregno entre o que deixou de ser e o que ainda não é”, como bem indicou o sociólogo polonês Zygmunt Bauman. O que seremos capazes de fazer com tudo que vivemos é o nosso maior desafio.

Quando a organização Doutores da Alegria, neste ano que completa 30 anos, escolhe coletivamente o tema anual para nossa publicação Boca Larga E SE...?, me provoca a pensar que, como privilegiados que somos, pois não morremos, não perdemos nossos empregos, estamos com saúde e trabalhamos com a arte entendida como um direito, um mínimo social, portanto como um ato de resistência, precisamos construir utopias!

O palhaço quando encontra a criança no hospital, em poucos minutos muda tudo, mesmo em um ambiente de estresse. Um encontro único, que não se repete e que faz disso um tempo de respiro pelo lúdico, que é libertador.

Mas não apenas nos hospitais. As pessoas quando estão numa ação formativa da organização também tem a oportunidade de viver uma experiência única sobre a vida que faz sentido. Pela arte, elas têm a oportunidade de refletirem como ser lúdico no lúcido.

Nosso trabalho é uma oportunidade única de reconhecer que temos nas mãos as ferramentas para transformar tempos difíceis em utopias pela arte, pelo lúdico e pelo educativo, sendo uma oportunidade de fluir a vida, pois ela não é útil, como pontua Ailton Krenak.

Não sabemos para onde caminhamos, também não temos a dimensão do quanto e como fomos afetados por tudo que vivemos. Porém, pelo trabalho que desenvolvemos temos a oportunidade de sairmos da melancolia para utopia, construindo percursos que tenham a arte como base e que possam influenciar a educação e a saúde, para a construção de uma vida com sentido. Para isso, será necessário focarmos naquilo que nos une e que é essencial numa construção coletiva atenta para as deman-

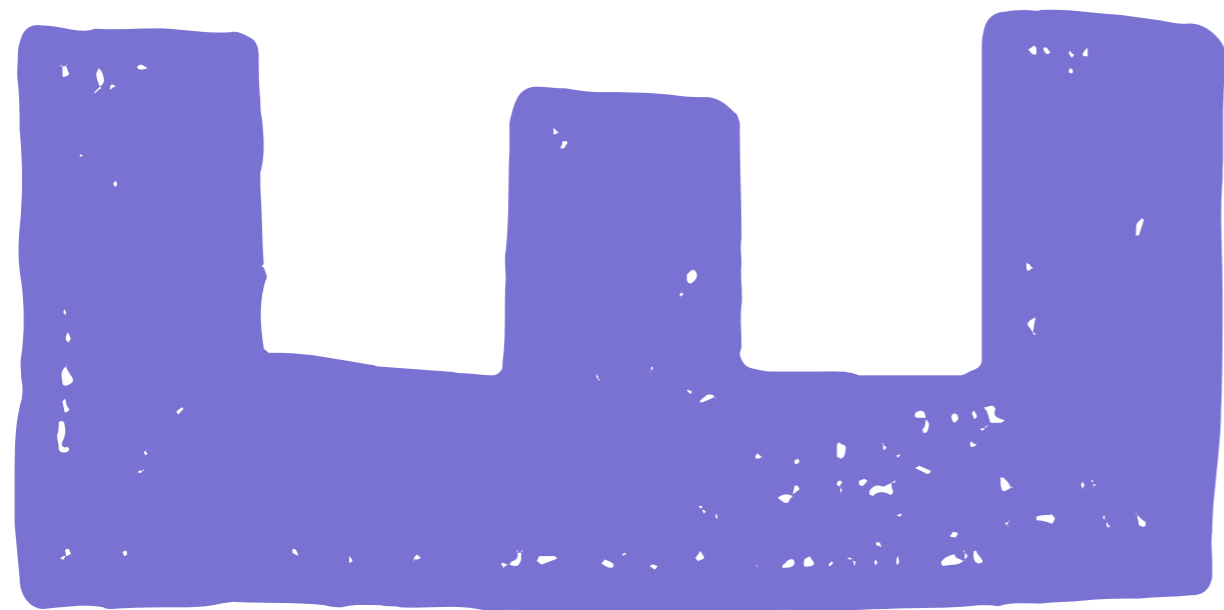
das da vida e que fortaleça nossa relevância social. Como? Não tenho a receita, mas se fizermos juntos, conseguiremos.

Por isso, o tema deste ano do Boca Larga é E, SE...? Por meio desta indagação convidamos todos os colaboradores a construir utopias e aqui está o resultado, textos de gêneros diversos que traduzem nossos sonhos. Agradeço muitíssimo a todos e todas que trouxeram seus sonhos para esta edição. Também agradeço aqueles que não enviaram seus textos. tenho certeza que gostariam de estar aqui também.

Como sou carioca de Vila Isabel, terra de Noel Rosa e Martinho da Vila entre outros sambistas importantes, acho oportuno lembrar a música do Martinho, que sempre me inspirou em momentos difíceis e que me agarro nela mais uma vez:

*Canta, canta, minha gente.
Deixa a tristeza pra lá.
Canta forte, canta alto,
Que a vida vai melhorar.
Que a vida vai melhorar.
Que a vida vai melhorar.
Mas a vida vai melhorar.
A vida vai melhorar.*

A vida vai melhorar! Vamos construir juntos os cenários que sonhamos.
Que venha 2022!



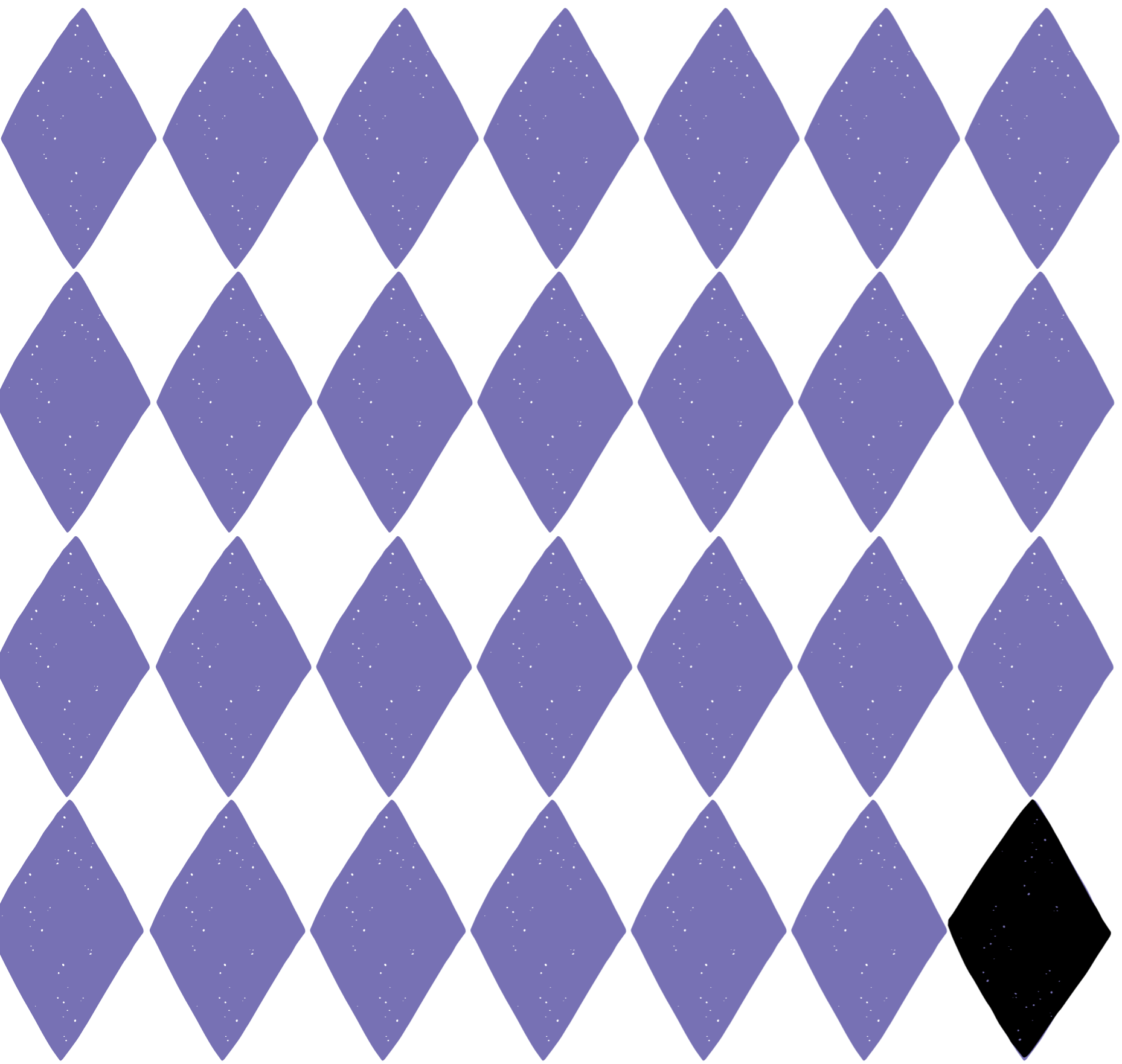
SE COM DOIS ESSES

Ana Flávia

Dra. Nana | Recife

Se eu tivesse poderes
 le tudo recomencesse
O mundo novinho ficasse
Aquela doença curasse
A população concordasse
Em viver sem muito se...
E se o amor prevalecesse
Ninguém mais se entristecesse
Ai que bom se sêsse!
Diria o poeta se aqui estivesse
E se nenhuma pessoa errasse
Nem mesmo se atrasasse
Ou num buraco caísse
Se nossa boca não dissesse
Palavra que ofendesse
O coração guiasse
Cada passo que a gente andasse
O ser humano do chão cuidasse
Com o outro se preocupasse
O egoísmo burlasse
A vaidade abandonasse

No lugar do outro se colocasse
E para sempre vivesse
Com o que a terra provesse
Só os livros devorassem
Como se a fome fosse
Do conhecimento que ainda faltasse
Para que a vida se completasse
A ciência jamais negasse
A tecnologia domasse
A arte apreciasse
E o tempo assim fluísse
Relógio talvez nem existisse
Para não ter estresse
Com um prazo que esgotasse
Com um futuro que demorasse
Ou com um passado que insistisse
Se a gente imaginasse
E logo concretizasse
Um sonho grande como esse
Ai, que bom se sêsse!



UM HAI KAI

Roberta Calza

Dra. Sakura | São Paulo

Quem cai primeiro
Disse bêbado, o sonho ao sono
Num salto de gato faminto,
o sonho delira e cai no sono.

CONTINGÊNCIAS

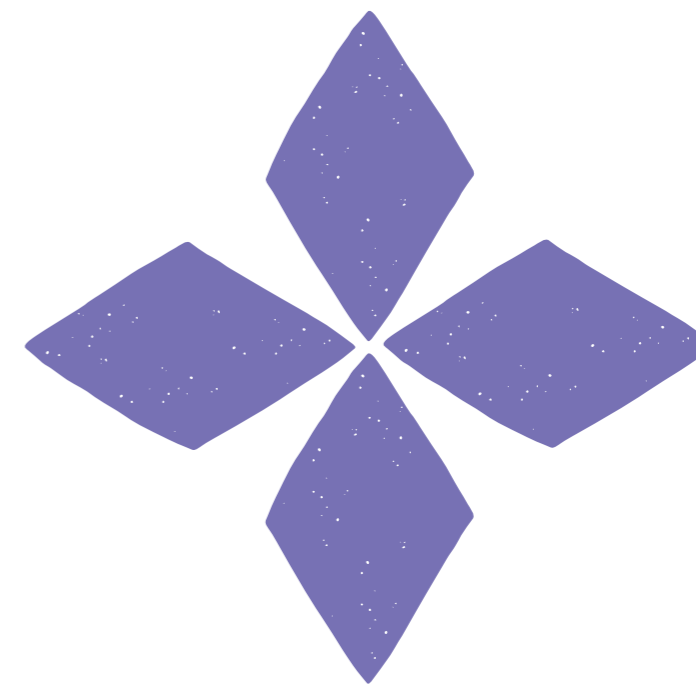
Dênis Goyos

Dr. Fritz | São Paulo

O que vou fazer se o mundo acabar amanhã?
Ou se eu for invencível como o Superman?
Se eu puder hipnotizar alguém?
Do limite ir além?

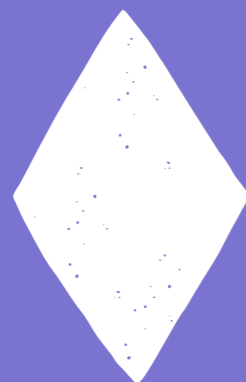
E se eu puder viajar no tempo?
Controlar o sol, a chuva e o vento?
E se de três pedidos, ainda faltar um?
E se de tantos amores, escolher só um?

E se eu cantar como um galo pela madrugada?
Se eu dançar como uma bailarina maravilhada?
Ter a liberdade de cheirar o perfume da flor que escolher?
Imagina, e se nenhuma roupa mais me encolher?



Se eu for abduzido?
O grande mistério traduzido?
Se eu terminar de ler O Fausto?
Se acontecer outro holocausto?

Se houver vidas em outros planetas?
Do céu, soarem as sete trombetas?
Ah! E se o infinito for sempre estrelado?
E se ao acordar... o dia nunca mais amanhecer nublado?



SOBRE GUARDAR O QUE SE TEM

Marcio Douglas

Dr. Mané | São Paulo

E se, por um momento, eu pudesse colocar meus sentimentos em potes, malas ou caixas.

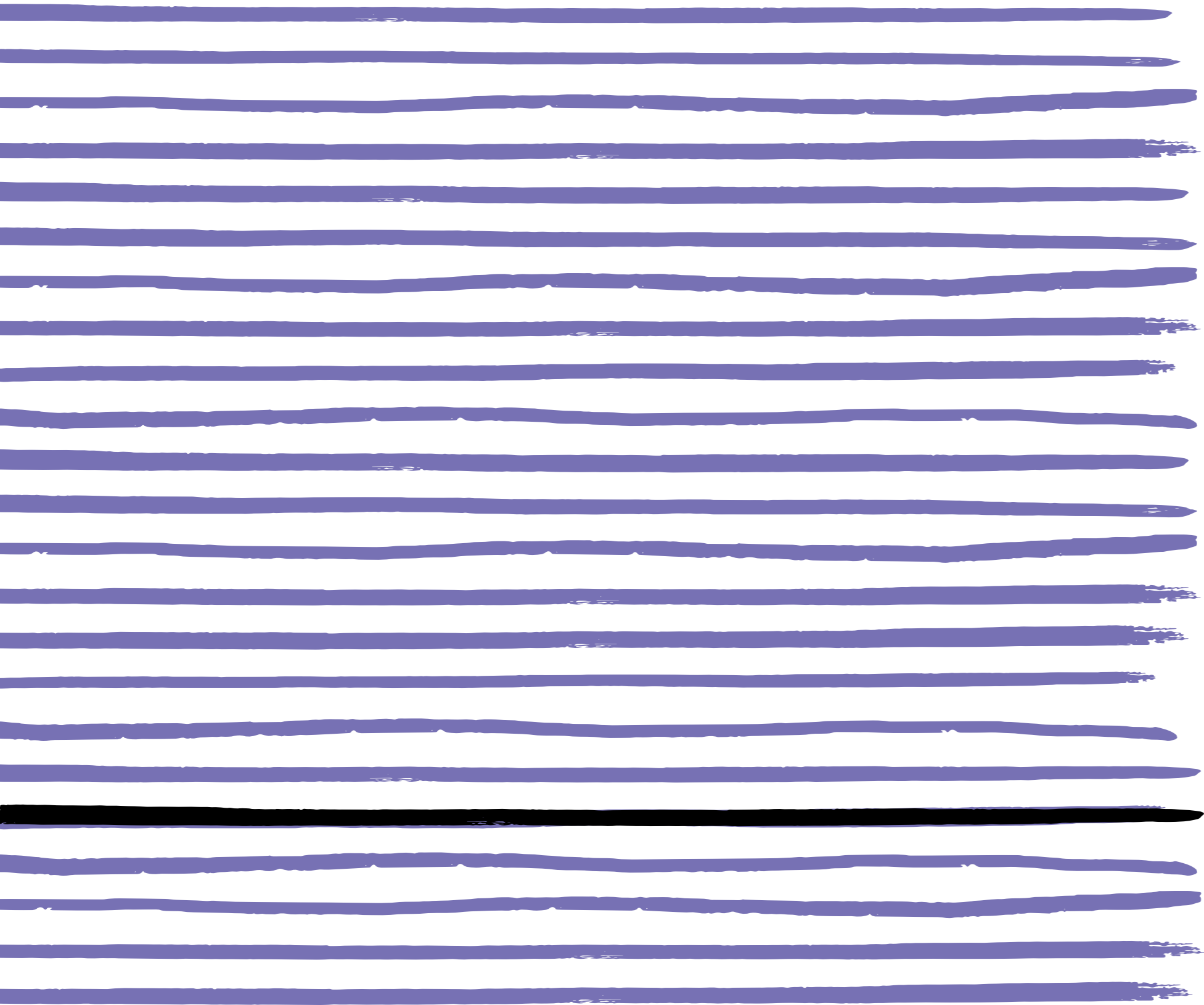
E se, por um momento, eu pudesse colocar meus sentimentos em potes, malas ou caixas, tudo bem etiquetado, num quarto grande e arejado.

E se, por um momento, eu pudesse colocar meus sentimentos em potes, malas ou caixas, tudo bem etiquetado, num quarto grande e arejado, com muitas prateleiras e com uma porta bem espessa.

E se, por um momento, eu pudesse colocar meus sentimentos em potes, malas ou caixas, tudo bem etiquetado, num quarto grande e arejado, com muitas prateleiras, com uma porta bem espessa e com uma fechadura equipada com detector de presença, código alfanumérico, reconhecimento de retina e um alarme.

E se, por um momento, eu pudesse colocar meus sentimentos em potes, malas ou caixas, tudo bem etiquetado, num quarto grande e arejado, com muitas prateleiras, com uma porta bem espessa, com uma fechadura equipada com detector de presença, código alfanumérico, reconhecimento de retina, alarme e com uma única chave que fica escondida num armário trancada por um cadeado que só eu sei o segredo.

E se, num momento da minha vida, eu tivesse que lembrar do segredo do cadeado para destrancar o armário e pegar a única chave escondida e depois desativar o alarme, fazer o reconhecimento de retina, digitar o código alfanumérico, ter minha presença detectada pela fechadura que abrirá a porta espessa do quarto grande e arejado e ir até prateleira onde se encontra o pote devidamente etiquetado, abri-lo e pegar um pouco de saudade.



E SE ESSE SAMBA FOSSE UM RAP

Nereu Afonso

Dr. Zequim | São Paulo

e se você desse uma guinada
abrisse mão da concordância sobre as coisas
joguei fora o meu relógio!
e passasse a ser poema

e se seu ato positivo fosse um não muito obrigado
vou-me embora pra outro canto

lá o invisível mora na tardinha
uma delegação de insetos coreografa um cisco
e o resto é vírgula

e se você desse uma risada
abrisse mão dessa regência entre as pessoas
joguei fora o meu negócio!
e passasse a ser repouso

e se esse samba fosse um rap

e você desse mais guarida
ao flow do seu silêncio
ao seu sonho de palhaço
e passasse por aqui

E SE EU GANHASSE NA LOTERIA...

Raul Figueiredo

Dr. Zapatta Lambada | São Paulo

O que eu faria se recebesse uma enorme quantia que desse para realizar todos os meus sonhos?

Hummm... Saúde não se compra, mas alimentos saudáveis é possível...

Músculos e beleza não se compram, mas terapia e treino físico melhoram nossa autoestima...

Amor não se compra, mas caridade com afeto resgatam nosso amor-próprio, o que talvez faça com que outras pessoas nos vejam com outros olhos... quem sabe não nos tornemos um exemplo saudável a ser seguido... um tornado que chacoalhe, transporte coisas de lugares estanques... vento... ventania... vem e vai... entra e sai... respirar... ar...

Acredito que se eu ganhasse na loteria pediria para um inventor criar uma máquina do tempo que me permitisse viajar para o passado lembrando aqueles momentos que não dávamos a menor importância, como um cafunê do pai ou da mãe, aquele doce escondido que nossos avós nos davam antes do almoço, essa cumplicidade de fazer a coisa errada na hora certa...

Como era bom tomar um banho de esgui-

cho gelado no fundo do quintal nos finais de tarde ensolarados, enquanto aguávamos as plantas do jardim e nada como chupar uma jaboticaba no pé, fazer um rebanho de animais com carambolas maduras caídas no chão de terra, espetadas com gravetos dando forma às patas, rabos e chifres... Ora descascar uma cana de açúcar e chupar o caldo doce entre os dentes até sobrar apenas o bagaço...

Como era divertido jogar futebol aos domingos, após o churrasco, chutando o esterco seco de vaca, que às vezes não estava tão seco e enchiam os vãos dos dedos de bosta e de vez em quando surgia um "olho de peixe" no dedão do pé... Coisa rara... preciosa... ocioso... Extravagâncias de uma infância...

Ah, que dor sentia ao levar uma picada de abelha, ou várias picaduras... sentir a faca passando em cima para tirar o ferrão e desinchar... ar... ar... ar...

Adoecer, esquentar, ficar sem ir à escola e ganhar um beijinho para sarar mais rápido... Quantas lembranças de outrora... momentos únicos e quase inesquecíveis... Do interior para o litoral... Do campo para a praia...

Que saudade de sentar na areia e fazer castelos concretados com a água salgada do mar, que vão sendo destruídos a cada nova onda, feitos e refeitos por horas... sem pressa, sem preocupação, sem ansiedade... sozinho... eu e o mar... ar... ar... caminhar... navegar... ar... ar... ar...

Caramba, acho que não preciso ganhar na loteria, nem esperar o tal inventor da máquina do tempo... Só de parar e começar a pensar neste texto consegui resgatar inúmeras imagens.

Talvez o segredo seja esse... parar... respirar... deixar a mente divagar... devagar... ar... ar... ar... como é difícil meditar... me ditar regras, impor pausas nessa vida corrida e desregrada que vivemos...

"Fazer o bem não importa a quem"... perdoar... doar... ar...

Ir... só ir... sorrir...

A alegria de viver, para mim, vem da satisfação de nos conectarmos com nossas necessidades mais verdadeiras e ouvir aquela voz interior que muitas vezes emudecemos pela ansiedade de conquistas rápidas, como uma selfie revelando: "fulano esteve aqui..."

Estar sem ficar, sem focar... ar...

Uma foto, um instante, um registro, uma lembrança... heranças... alianças... alianças... crianças...

Nossa sociedade pandêmica está pautada por regras, protocolos... isolados... carentes, solitários, "pronto colos" ... calos... me calo... silêncio... falta o ar... ar... ar... policiar... ar... ar...

Mascarar e desmascarar esquemas... sistemas... cisternas...

Vigilância sanitária... vigilância... ambulância... ambos os lances...

Proteger e cuidar... amar... amor-próprio... amar ao próximo...

Próximo!!!

Chamou Doutor?

Profissão... professar... professorar... ar... ar... ar...

Lançar-se ao mar... ao ar... viajar... via mar... via túneis... subterrâneos... escuros e úmidos... sem ar... ar... ar... sonhar...

Perder ou ganhar...

Lotear... tear... ter ar...

DE ESCADINHA EM ESCADINHA

Elza Maria de Jesus

Auxiliar de Serviços Gerais | São Paulo

Quero muito agradecer os Doutores pelo ano, pro ano que vem eu ter bastante coragem, futuro para frente, muita sabedoria, muita honestidade, é assim uma pessoa que eu quero ser, para recebermos o ano de 2022 com muita alegria, muita coragem de trabalhar e não deixar nada nada para trás. Este ano que passou, que vai passar, que nós vamos receber o ano de 2022, eu gostaria que seja o dobro de bom deste ano, que nós não tivemos nada bom.

Graças a Deus nós só tivemos mais coragem de trabalhar e saúde. Nós não ficamos doentes, alguns ficaram, mas Deus ajudou que venceu e subiu, não desceu, entendeu? Não tenho nada que reclamar. Eu só tenho que agradecer mesmo, por tudo o que eu vou receber o ano que vem.

Vamos ter uma vida melhor para mim, para os colegas, para os outros atores, para as outras pessoas, que moram aqui em São Paulo, em Recife, no Rio de Janeiro. Eu quero que eles tenham um futuro melhor também, igual eu, como eu estou tendo e vou ter, se Deus quiser.

Meu sonho é que no ano que vem, esse ano de 2022, eu quero escrever meu livro, eu quero fazer a publicação do meu livro que é minha biografia. Se Deus quiser, eu acho assim, que se eu tiver minha biografia pronta, acho que eu vou ser mais feliz ainda! O meu futuro vai ter mais conhecimento, o meu futuro, porque as pessoas vão ler sobre a minha vida, sobre o que eu passei no mundo, aí vão saber sobre o que aconteceu comigo quando eu era de menor, quando eu cresci, e aí depois, graças a Deus, que eu vi minha capital paulista que eu amo: São Paulo. Eu não conto para ninguém que eu sou mineira, porque eu não me represento mineira, eu me represento aqui em São Paulo como paulista, porque tudo que eu aprendi foi aqui em São

Paulo. Com as pessoas daqui aprendi a ler e escrever, pouco ou muito, mas eu sei que eu aprendi a ler e escrever. É isso que é meu pensamento.

Eu quero sair de lá, se um dia eles tiverem a capacidade de não me manter lá como uma funcionária, eu quero sair de lá bem sábia, inteligente, bem saber comunicar com as pessoas, saber compartilhar com as pessoas, saber...assim... conversar, tem mais conhecimento de vida que eu estou tendo lá, que eu não tinha quando eu entrei lá, eu tenho mais conhecimento de tudo na vida, agradeço muito aos Doutores.

Não quero futuro de riqueza, é o valor de que as pessoas vão me dar, lá dentro e lá fora, e aqui por exemplo, na minha escola, lá no meu trabalho, fora, entendeu? Nos outros estados do Brasil, que é onde eu morei e que tem pessoas que me conhecem. Então, lá eu tenho certeza de que vocês vão falar assim: "parabéns para essa menina, que ela era uma pessoa que tinha um futuro de nada e agora ela tem um futuro bom, porque está com a biografia pronta!"

Então eu pretendo um dia eu subir na vida através dessas coisas, não é subir assim de futuro de dinheiro não, é SABEDORIA! Sabedoria é mais importante que dinheiro. Ser uma mulher inteligente, saiba produzir as palavras direito, falaram bem, é isso para mim que é o futuro!

Dinheiro, para mim, não é futuro! Porque eu morro, posso pegar doença e morrer, e o dinheiro ficar... e meu futuro é da sabedoria, esse eu nunca vou perder! É uma coisa que vai subir, de escadinha em escadinha, chega um dia lá!

(O texto é a transcrição do áudio gravado pela autora, especialmente para esta edição do Boca Larga)

E, SE... EM CADA ESCOLA TIVESSE UMA DUPLA DE PALHAÇOS?

Lourdes Atié

Diretora de Formação

Escola é aquele lugar que todo mundo passou um dia. Uns ficaram muito tempo, outros ainda estão. Tem ainda aqueles que gostariam de ter estado e os que foram excluídos dela também. A escola está na vida e no imaginário de todo mundo.

Embora sendo tão conhecida, a forma de vivê-la varia. As pessoas têm lembranças boas e outras traumáticas. Sempre lembramos das professoras inesquecíveis, daquela que nos encantou, mas também daquela que nos traumatizou. Também por ser tão conhecida, as pessoas acham que entendem do que acontece por lá e como no futebol, onde todos se sentem técnicos, quando o assunto é escola, as pessoas viram “especialistas”.

Existe, em linhas gerais, um entendimento comum sobre o que é a escola. É identificada como o lugar do acerto, onde o erro é punido com a perda de nota ou até a reprovação. É também o lugar do estável, controlável e seguro. O caminho para o futuro de sucesso. Tais certezas fazem com que se desenvolva um ambiente previsível, imutável, onde tudo é cuidadosamente planejado com antecedência. Nada pode sair do controle, o que é visto como falta grave. O imprevisto é negativo e criatividade só com alguma utilidade. Brincar, só no recreio e, dependendo do grau de escolaridade, o tempo destinado a ele vai diminuindo cada vez mais, porque na escola tem muitas coisas importantes a serem feitas e as crianças e jovens não podem “perder tempo”.

É neste lugar que imagino ter uma dupla de palhaços permanente. Não para distrair as crianças, mas para intervir junto aos adultos, ti-

rando-os do lugar das certezas, acolhendo seus medos e ensinando a simplesmente brincar. Imagino que assim ficariam leves e teriam coragem de fazer uma metamorfose na escola, tão necessária atualmente.

Ao invés de assessores especializados em áreas do conhecimento, que chegam cheios de títulos acadêmicos e de soluções, a dupla de palhaços os substituiria e jogaria com os adultos da escola, para que perdessem suas certezas, aceitando suas intuições e apenas pudessem viver cada momento naquele tão importante espaço.

A dupla de palhaços ensinaria aos adultos da escola a trabalhar no campo da desconstrução e das descobertas. Eles ensinariam os adultos a ter coragem de rir de si mesmos, sem medo de errar. Assim ficariam abertos para o improvável, recuperariam sua capacidade de brincar. Resgatariam seu sentido de humanidade, combatendo o sentido utilitário da vida, para poder aprender com as crianças e jovens. Assim, todos estariam abertos a aprender. Seria uma escola de aprendizes.

A escola que sonho também passaria por uma mudança física. No prédio, não haveria paredes e nem muros. A natureza seria o ambiente prioritário, com o compromisso de combater o déficit de natureza que temos, principalmente as nossas crianças, que passam muito tempo diante das telas, muitas vezes por obrigações escolares.

O currículo seria criado com a participação de todos: professores, estudantes e famílias. Os conteúdos selecionados seriam para que todos pudessem entender o mundo em que vivem e sonhar com o mundo a ser construído por todos/as. A dupla de palhaços ajudaria para que a arte fosse a base de todas as experiências e o trabalho pedagógico teria como foco o encontro qualificado para que a experiência cotidiana fosse mais importante que os resultados mensuráveis.

Ah! Se cada escola tivesse uma dupla de palhaços...

ADAPT/AÇÃO

Larissa da Silva Lima (Beleléu)

Estudante do FPJ | Turma 9

Tenho andado na contramão
compreendo a falta de compreensão,
aos atrasos.
ocupada demais que rima
tudo com ão
diferentes estados
de confusão.
cansaço.

objetivos buscam estados
eu me transformo a cada passo,
esqueço e deixo passar.
o passo seguinte: me desculpar
desatar a culpa
quem me bota culpa?
além de mim mesma, quem cobra,
detesto cobrar a mim mesma.
Não estou na mesma,
preciso mesmo é me adaptar...
— Ah é? e quanto tempo mais
essa adaptação irá durar?

Se soubesse a resposta
não pediria mais tempo à vida.
inda e vinda,
parando na vista de um descanso
exausto,

voltando a caminhar...
às vezes atropelada
pelada no engarrafamento
o trânsito de vontades
converge com a quantidade de tempo

dias úteis e os chamados de produção
utilidade não temos não, prefira viver
respeitar o próprio espaço

convivência de mais um sermão antigo
e jovens convenientes com os próprios
abrigo, querer isso e não aquilo
que importa, não é dado.
Avoados, precisam ouvir também
o outro lado.
os outros lados

nos ensinam, mas nos livre do ódio
decorrente da obrigação.
Ainda, sim, AINDA,
depois de algum tempo,
Ainda estamos
em processo de adaptação.
que acima disso, viva a criação
e a celebração
do que importa.



E SE...

Thais Ferrara

Dra. Ferrara | São Paulo

Há muitos anos, em tempos em que a cultura e a arte estavam chegando em mãos promissoras, eu conheci um artista que ao retornar ao Brasil depois de longo tempo fora, estava começando uma ação cultural nova e bem diferente de tudo o que eu conhecia: a visita de artistas palhaços em hospitais que, fazendo de conta que eram médicos/as, passavam pelas alas pediátricas dos hospitais para acompanharem o estado de saúde de seus pacientes hospitalizados. Até então, artistas palhaços entravam em hospital voluntariamente para celebrar efemérides, faziam seus shows, se emocionavam e, talvez, voltassem no ano seguinte. A proposta desse artista que eu conheci era levar uma nova especialidade de “doutores” para visitas sistemáticas às pediatrias, de forma que a linguagem artística, sustentada pela paródia de um médico/a, se misturasse com a cultura hospitalar no seu dia a dia.

Se eu pudesse comparar palhaço a algo comestível diria que é menos cereja de bolo e mais erva-doce. E pensando no hospital, essa química parecia interessante.

A prática nos hospitais demandava alguns preparos como conhecer a geografia do hospital, as enfermarias, os/as responsáveis

e a definição por um roteiro de visitas que não atrapalhasse os procedimentos com as crianças. E, claro, o pré-requisito era o domínio da linguagem artística do palhaço, o jogo nas relações, alguma habilidade particular como música, canto, mágica, e até malabares, o que definitivamente nunca foi meu forte. Bem, lembrando que não estávamos num picadeiro e que a proximidade com o nosso público hospitalar solicitava maquiagem, figurinos, gestos não amplificados, eu diria que tínhamos que fazer o palhaço passar pelo buraco de uma agulha. Quase isso!

O trabalho tinha aspectos muito interessantes que foram se revelando com a prática do dia a dia. Exigia um estado de presença, um aqui agora insubstituível por qualquer grande habilidade. Ainda que uma/a artista tivesse habilidades incríveis como dar um salto mortal ou tocar Ernesto Nazareth num teclado, este ato não teria o menor sentido se desconectado da história que estava acontecendo ali no encontro com a criança, sua família e/ ou profissionais de saúde. O ato gratuito de uma habilidade – por mais incrível que fosse, corria o risco de cair num estrondoso vazio.

Outra demanda era como planejar um dia de trabalho. A fixação em alguma ideia po-

deria nos afastar desse lugar de presença, que pedia atenção ao que estava acontecendo, ao que os olhares nos diziam, ao que o ritmo hospitalar estava nos enviando como mensagens. Aprendemos sobre esse famoso estado de presença nas escolas de teatro, na música, todo mundo diz que é importante, mas nada como a prática de palhaços em hospitais para trazer à consciência essa qualidade de presença.

Além disso, havia que lidar com um imaginário que ronda as nossas cabeças quando pensamos em universo hospitalar, situações limites, tão pesadas que sugariam nossa energia. A imaginação tende a nos arrepiar e, de novo, nada como estar presente na realidade dos hospitais. O presente, o concreto, nos acalma. A fruição do dia de trabalho ficava por conta do que chegava aos meus olhos, da relação de cumplicidade com o meu parceiro/a, a escuta dos profissionais de saúde que nos passavam as informações sobre as crianças e que a gente esquecia tudo – aparentemente - para trabalharmos em paz, sem querer ser efetivo e achar que poderíamos tirar uma criança de um coma!!!

A qualidade do trabalho não era medida pelo quanto gastávamos de energia, mas



Se eu pudesse comparar palhaço a algo comestível diria que é menos cereja de bolo e mais erva-doce.

pelo quanto saíamos revitalizados porque quanto menos esforço e mais fruição, cumplicidade, jogo, mais revitalizados.

O trabalho começava ao saíamos de casa, observando a cidade, atentos ao que ouvíamos de notícias, se chovia muito ou pouco, e tudo que chegava às crianças e seus familiares através da TV. Lembro que depois de muitos dias de chuva intensa fomos trabalhar com pés de pato, boias coloridas nos braços e máscaras de mergulho. Eu tenho a de um sapo, que veda bem e não entra água. Sempre sugeria a máscara para os cirurgiões.

Numa Quarta-Feira de Cinzas, Dra. Sirena, minha parceira, e eu fomos ao hospital Cândido Fontoura com adereços enormes na cabeça, sucatas de uma escola de samba que tinha desfilado naquela madrugada com o pretexto que "tivemos que vir direto do desfile" para passarmos a visita médica. Foi só colocar o jaleco e pronto.

Afinal, palhaços estão na vida, impossível fazer um "trabalho profissional" sem misturar o universo que estamos vivendo. Aprendi que

o importante é como inserimos artisticamente as questões que nos envolvem, os ruídos particulares podem ser material de criação.

Já aconteceu ter passado a noite embalando meu filho bebê com cólicas. Ele dormiu e eu fui trabalhar. Tinha meus olhos grudados de exaustão e, chegando no hospital, contei ao Dr. Zequim como tinha sido aquela noite. Passei parte do dia me escondendo dele e tentando dormir nos cantos e, coniventemente, as crianças me protegiam. Até que, quase no final do dia de trabalho, um garoto me denunciou. Narrativa do dia, perfeita! Zequim foi muito companheiro.

Uma vez ouvi de um mestre palhaço que acolher o nosso estado é parte do trabalho artístico e da qualidade de presença. Ninguém pode estar presente tentando jogar pra debaixo do tapete 12 horas sem dormir. Nesse dia, saí revitalizada.

A essa altura da minha vida, nada melhor do que estar no presente.

Então, e se vivêssemos, e não apenas sobrevivêssemos, o/ao presente?



AQUELE MOMENTO EM QUE

Gabriel Rosa da Silva

Estudante do FPJ | Turma 9

(depois de assistir a peça da Doutores da Alegria)

... Eu sei exatamente onde eu quero estar...

... Eu sei com quem eu quero estar...

... mudar o mundo parece impossível,
mas se eu puder fazer
um pouco para mudar, será feito...

... só tenho a agradecer...

502 DIAS

Luís Silva (Duico)

Dr. Pistolinha | São Paulo

E se houvesse uma pandemia e o palhaço tivesse que ficar 502 dias longe do hospital, a história seria mais ou menos essa:

Me lembro muito bem do último dia que trabalhei no Hospital, por conta da pandemia. Foi no dia 17 de março de 2020.

Após tomar a vacina de dose única e estar completamente imunizado, depois de muita conversa com o Hospital e uma ajuda inestimável do Dr. Flavio, no dia 28 de julho de 2021, pude retornar presencialmente ao Hospital M'Boi Mirim, de forma híbrida ainda. Eu vou presencialmente ao Hospital e carrego a minha parceira Emily no "drone", ou melhor, no tablet.

Foram exatos 502 dias até o retorno - 502 dias que fiquei em casa. O máximo que fazia era ir ao mercado, padaria ou farmácia.

Se quiserem me perguntar sobre séries, vi todas! Filmes? Muitos! Podcasts? Virei consumidor voraz! Essas coisas me ajudavam a manter o mínimo de sanidade mental nesses 502 dias.

Mas o que me ajudou muito, mas muito mesmo, foram minhas plantas. Virei um jardineiro de mão cheia. Passava horas plantando mudas, regando, mudando-as de lugar da sombra pro sol, do sol pra sombra, podendo...

Quem trabalha com o que ama sabe bem como é difícil ficar longe do ofício, foi assim desde o começo da pandemia, até mesmo quando começamos a fazer atendimentos virtuais. Aliás, nosso agradecimento a todas e todos que nos ajudaram carregando nossos tabletes pelos Hospitais. Mas o nosso trabalho se dá pela relação, olho no olho, pelo encontro. Esse encontro acalenta a alma e aquece o coração. O trabalho acontecia virtualmente, mas nada que se comparasse ao presencial. O buraco da falta de ida ao Hospital permanecia.

Quando recebi a ligação do Davi Tayiu, nosso coordenador artístico, me convocando a voltar para o Hospital do M'Boi Mirim, foi um misto de sentimentos. A alegria era enorme, vontade de chorar, pernas tremendo. Enfim eu ia voltar a trabalhar presencialmente! E justo no M'Boi Mirim, hospital que tive a honra de abrir os trabalhos da Doutores lá, com o Dr. Zequim, em 2016 e 2017.

Mas, ao mesmo tempo senti uma certa apreensão, já que fazia muito tempo que não ia para tão longe. O Hospital fica a cerca de 30 Km da minha casa. Tanto tempo saindo apenas para 1 ou 2 quilômetros, no máximo, você desacostuma a sair de casa. De fato, a apreensão acontece.

Vocês devem se recordar que nesse período de 502 dias fez muito sol e muito pouca chuva. Reservatórios baixos e tempo seco. Mas justo na manhã que acordo entra uma "Frente Fria Polar Ártica". Há mais de cem anos que não fazia tanto frio na cidade!

Foram praticamente 502 dias de sol e no dia que vou voltar ao trabalho o tempo fecha, cai uma chuva torrencial e a temperatura cai para 5 graus! Eu odeio carro. Ando de moto. Então lá fui eu, todo cheio de roupa e capa de chuva, parecendo um astronauta para percorrer esses 30 quilômetros de ida e os 30 de volta, nesse tempo horroroso!

Era chuva que machucava, capacete que não enxerga, máscara embaçando óculos, pista escorregadia, frio, enfim, um monte de problemas que devagar e sempre fui superando até chegar ao Hospital.

Foi emocionante quando me vi de volta ao Hospital, ainda de cara limpa. Mas quando saí da sala onde me maquiei, quando abri a porta paramentado de palhaço e me deparei com o Hospital, foi uma emoção indescritível. Juro que lágrimas vieram aos olhos. O coração acelerava. Era de arrepiar. Foi uma sensação impossível de descrever!

Após 502 dias eu estava lá, de volta, presencialmente, ao Hospital! Foi um sonho que se realizou!

O QUE É FAMÍLIA

Paola Musatti

Dra. Manela | São Paulo

Tem uma brincadeira que fazemos com crianças mais velhas, que é: perguntar quem é a pessoa que está ao lado, acompanhando. No que as crianças respondem: é minha mãe. Então para nos certificarmos perguntamos o mesmo para a mãe o que a criança é dela. E elas respondem na sua maioria: é meu filho. E assim nós, Dr. De Derson e eu, Dra. Manela, esta que vos escreve, vamos aprendendo como se dão os nomes para uma família.

Outro dia num outro atendimento teve uma mãe que resolveu ligar para a irmã, que cuidava da filha menor, para mostrar os palhaços: nós para ela. E foi através do tablet que conhecemos a irmã mais nova do rapaz que estávamos atendendo. E aproveitamos para continuarmos a nossa pesquisa sobre como se constitui uma família, daí perguntamos ao nosso paciente: - O que a irmã da sua mãe é sua? E ele nos respondeu: - Minha tia - aprendemos mais um pouco: uma tia, é a irmã da minha mãe. Anotado.

Mas voltando ao início, desse relato, estávamos com Anderson 11 anos, e feitas as apresentações, mãe, filho, Dr. De Derson e eu, Dra. Manela, escutamos a mãe falando com alguém. Perguntamos ao menino se ele estava recebendo visita médica. Um parêntese, estar num tablet, atendendo de casa o Hospital, nosso campo de visão se limita a criança ou, muitas vezes, aos familiares que adentram nosso campo de visão. Fecho os parênteses. A mãe, respondendo à nossa pergunta, diz que ao seu lado está a sua acompanhante. Fiquei alguns segundos, pensando se ela estava conversando com a mãe do lado, que é também acompanhante.

E aí surgiu a ideia de perguntar para o Anderson 11 anos com quem a mãe dele estava conversando. Ele diz:

— Ela está conversando com a namorada dela.

E entra a mãe e diz:

— Sim, estou conversando aqui com minha namorada que vai descer para o almoço e eu tenho que dar o ticket de acompanhante para ela poder entrar no refeitório.

— Ah, respondemos: agora entendemos.

Anotado. Conheço meu parceiro de trabalho Anderson Spada (Dr. De Derson) há muitos anos, e naquele minuto que escutamos a resposta do Anderson 11 anos, com tamanha naturalidade, que sua mãe estava conversando com a namorada, me deu uma vontade enorme de gritar de felicidade e ver que o mundo pode ser simples assim, cada escolher e ter a família que quer.

Vale ressaltar que a mãe do menino quando entrou na tela e foi nos explicar sobre o ticket do almoço, falou com naturalidade de sua namorada. Sabemos que os quartos na pediatria são compartilhados com outras famílias. E na sua fala não houve, em nenhum momento, na sua voz, um tom mais baixo como se não quisesse que outros escutassem, ou um tom contrário, mais alto.

Curiosos que somos, falamos que queríamos dar um oi para ela. Entra em quadro a namorada da mãe do Anderson 11 anos no tablet. Começamos do início: nos apresentar. Ela diz seu nome: Fernanda, e quando eu, Dra. Manela ia me apresentar, o Dr. De Derson antes mesmo de se apresentar diz que ama o nome Fernanda e pergunta se poderia trocar com ela. Já fico irritada, pois lá no início ele já quis trocar de nome com o Anderson 11 anos, e agora é com a Fernanda. E não é que a Fernanda autoriza e eles trocam. Simples assim. Dr. De Derson, digita na tela do Zoom seu novo nome: Dra. Fernanda. Começa a confusão. Dra. Manela, ao se dirigir ao Dr. De Derson, esse não responde mais como De Derson, e sim como Dr. Fernanda. Todos se divertem com o quiproquó de Dra. Manela com os novos nomes.

A Dr. Derson diz que vai almoçar, que já está com o fiquete do almoço. Manela diz que ele tem que trabalhar e continuar o atendimento. Mas a De Derson, disse que



Ser.

Sermos humanos.

TODOS, TODAS E TODES.

eu estou confundindo, agora ela não é mais Fernanda e sim De Derson e que está com fome e não tem que atender ninguém. E que eu seguiria meu trabalho com o Dr Fernanda. Fácil de entender. Anotado esse também. Nos despedimos desejando a De Derson um ótimo almoço, ao Anderson 11 anos um ótimo dia e à sua mãe um feliz retorno para casa. Pois, soubemos que teriam alta.

Após o atendimento, antes de desligar o Zoom, geralmente ficamos uns minutos discutindo as intervenções, o dia atendido, coisas que funcionaram, coisas que não funcionaram. E nesse dia conversamos muito sobre a profundidade dos temas abordados durante o atendimento com o Anderson 11 anos. As novas famílias. E depois falamos da brincadeira da troca do nome feita pelo Dr De Derson para Dr Fernanda, sem trocar o gênero masculino, e da Fernanda ter topado ser a De Derson, foi muito interessante.

Não estávamos, como palhaços, levantando nenhuma bandeira, ou julgando um homem ser chamado de Fernanda, ou uma mulher ser chamada de De Derson. Estávamos apenas sendo. Vivendo no momento do presente, brincando e querendo ser outra pessoa, com nome bonito. Não importando o gênero.

Foi muito bonito tudo isso. Ser. Sermos humanos. TODOS, TODAS E TODES E a mãe do Anderson 11 anos nos inspirou. Sendo uma mulher que tem suas afetividades com quem ela deseja. Eu fico com a pureza da resposta das crianças. É a vida, e é bonita. Gonzaguinha

O texto foi escrito após um teleatendimento realizado no Hospital Santa Marcelina no mês de setembro de 2021, quando estavam atendendo, de forma remota, os pacientes e equipe multidisciplinar daquele hospital.

AS ÁRVORES

Luciana Viacava

Dra. Lola Brígida | São Paulo

Essa história imaginada aconteceu devido a fatos absolutamente reais. A realidade provoca a ficção, e quanto maior e mais profunda a raiz de uma árvore, mais estará ao alcance do céu.

A realidade veio sem poesia. No primeiro mês em que voltamos às atividades presenciais no Programa de Formação de Palhaço para Jovens (conhecido como FPJ) da Escola dos Doutores, uma aluna testou positivo para Covid. Opa! Para tudo! Rapidamente marcamos uma data para que todos os alunos, formadores e colaboradores que tiveram contato com a moça, pudessem fazer o teste também. E assim foi. Numa manhã de terça-feira, fomos até a sede dos Doutores da Alegria para fazer o teste. O lado bom? Todos testamos negativo.

Acontece que naquele dia, logo em seguida, eu tinha uma visita virtual no hospital, como palhaça doutora que sou. Não daria tempo de voltar para casa e abrir meu consultório. Então levei para a sede meu figurino, jaleco, peruca, maquiagem, nariz, apetrechos besteirológicos e computador. E foi aí que a realidade deu lugar à ficção.

Num piscar de olhos, logo depois de passar pelo cotonete, estava eu transformada em Doutora Lola, solta pela sede, com direito a escolher o melhor local onde montar meu consultório besteirológico. E aonde mais eu poderia ter ido? À sala da diretoria, claro. Me sentei na cadeira do diretor presidente, a mais macia, e me tornei presidente por um dia.

Meu primeiro ímpeto como presidente foi fazer um vídeo sentada em minha nova sala, contando a novidade aos palhaços do elenco de São Paulo. Meu maior desejo era poder satisfazer todas as necessidades e vontades de todo mundo. Então disse a eles que poderiam pedir o que quisessem, que eu atenderia. E choveram pedidos dos mais variados.

O Dusquais pediu aumento, afinal não tá fácil pra ninguém. A Marcella pediu férias de quatro meses. O Sandoval pediu uma namorada. Já a Greta queria perder sete quilos. A Bolots, casa própria. Ela também queria um namorado, mas achou que aquilo era caso para Santo Antônio, afinal milagre é com o santo. Zequim, mais

modesto, pediu uma média e um pão na chapa. O Mendonça pediu um presidente bom. Acho que ele estava falando do outro, não de mim. A Guadalupe pediu um carro novo, já a Manela queria uma barriga nova, bem durinha, no ponto. E para arrematar, pediu um IPVA pago e uma nova unha do pé, pois a dela estava bichada. O Chabilson e a Emily pediram a mesma coisa: trabalhar bem menos e ganhar bem mais. Dessa, a Guadalupe também gostou. Até eu. O Chicô queria aprender inglês dormindo e descobrir como fazer o bacon emagrecer.

A Pororoca pediu para receber uma notícia boa e recebeu! No mesmo dia! Foi aí que a ficção se fundiu com a realidade. E se eu realmente tivesse o poder de satisfazer as necessidades e vontades de todo mundo? E se o Dusquais conseguisse o tão desejado aumento? E se a Marcella estivesse nas tão sonhadas férias e encontrasse o Sandoval com a nova namorada? E se a Greta, com sete quilos a menos, fosse visitar a Bolots em sua nova casa para conhecer seu namorado? E se a Guadalupe fosse de

carro novo encontrar o Zequim na padaria para tomar uma média e comer um pão na chapa? E se a Manela, de unha do pé e barriga novos e com o IPVA pago, fosse apreciar a Emily e o Chabilson deitados numa rede, vendo a conta bancária crescer? E se o Chicô, depois de uma bela noite de sono, acordasse recitando a fórmula do bacon magro em inglês?

Então percebi que os desejos de meus colegas estavam entre as necessidades fundamentais do ser humano, e que eram todos legítimos... Comida, afeto, estudo, saúde, abrigo, conforto... E continuei pensando: e se todas as pessoas do mundo tivessem essas necessidades satisfeitas? Haveria mais espaço para a poesia, para a arte, para a delicadeza, a empatia, a consciência planetária e a convivência harmônica com a natureza?

Em minha mente imaginativa, ousou arriscar que sim. Quando as raízes de uma árvore estão bem nutridas, mais belas e fortes nascem suas folhas, flores e frutos. E se fôssemos nós essas árvores, com o direito de viver nossa potência em plenitude?



MAS, E SE EU NÃO FOSSE PALHAÇO?

Allan Benatti

Dr. Chabilson | São Paulo

Eu sempre fui o engraçadinho da turma, fazia imitações, contava piadas e comentários que em geral provocavam o riso. Mas naquela época não entendia que eu poderia ser um palhaço.

No ensino médio descobri a liberdade de caminhar pela cidade acompanhado dos amigos e isso se tornou mais importante que o próprio ensino médio. O que acabou me levando à dupla reprovação no segundo ano e conseqüentemente à expulsão do curso de Desenho de Construção Civil do Colégio Técnico Liceu de Artes e Ofícios. Fiquei perdido. Estar fora de eixo me levou a querer conhecer outras experiências e acabei me aventurando no universo teatral. Me apaixonei. E se eu não tivesse sido jubilado?

lá atrás de tudo o que havia de espetáculos, cursos e livros de teatro. Porém, por ser um garoto periférico, tinha que ser gratuito. Em 1995, num Festival Internacional de Teatro, houve a apresentação de um espetáculo chamado Negrabox. Uma caixa-cubo preto de enorme dimensão, montada no pátio externo do Museu do Ipiranga. Foi fascinante, e apesar dos artistas não utilizarem o nariz de palhaço, tive certeza, naquele momento, que eram palhaços. Queria fazer aquilo. E se eu não tivesse assistido a esse espetáculo?

Lembro que, na semana seguinte a esse evento, abriram as inscrições para um curso de palhaço na extinta Oficina Cultural Amácio Mazzaropi. Minha primeira professora: Cida Almeida. Meu primeiro diretor de palhaço: Heraldo Firmino. E se esse curso não abrisse?

Me dediquei intensamente à pesquisa da linguagem. E, obviamente, conheci os Doutores da Alegria, na época em plena ascensão. Fiquei atento,

e quando abriram o processo seletivo, me inscrevi prontamente. No teste conheci um amigo, Márcio Ballas. Ele passou e eu não. Mas um ano depois, esse amigo me convidou para fazer um espetáculo que acabou sendo um grande sucesso em São Paulo, o Jogando no Quintal. E se eu não tivesse feito o teste?

Tentei outra vez fazer o teste dos Doutores, novamente não passei.

Continuei pesquisando e trabalhando na linguagem do palhaço e, 23 anos depois do meu primeiro contato e paixão pela palhaçaria, o Doutores da Alegria abriu mais um processo seletivo. Eu tinha certeza que a instituição não tinha afinidade pelo meu processo de pesquisa, não ia prestar, seria mais uma vez uma decepção. As duas outras vezes havia chegado até o teste final e não tinha passado! Claro que ainda era (e ainda sou) apaixonado por esse trabalho. Minha companheira insistiu tanto que no último dia resolvi fazer a inscrição. Para minha surpresa, passei. E se não tivesse tentado?

Acho que se nada disso tivesse acontecido, talvez estivesse trabalhando em um escritório, fazendo projetos arquitetônicos ou criando decorações de ambientes. Talvez estivesse feliz, talvez não. O “e se” é apenas uma ideia, aceitar o acontecimento e transformar. Ver que novas possibilidades constroem um caminho. E esse caminho pode te conduzir a algum sonho. Só foi possível entrar nos Doutores da Alegria pelo caminho que eu percorri. Hoje vejo que foi no momento exato, após um amadurecimento profissional e pessoal, que fiquei preparado para poder realizar um sonho.

OLHOS DE VER

David Taiyu

Coordenador Artístico | São Paulo



Passei por duas épocas em que as pessoas morriam, uma na década de 1980 e agora neste tempo que começa em 2020. Este é um momento que nos coloca perto dessa realidade tão vulnerável à finitude, que nos é implacável com o avançar da idade, ou com as doenças! E onde trabalhamos, vemos a luta incessante contra esta que se transforma em um espectador tão presente em muitos quartos que passamos. Torcemos juntos com as mães acompanhantes, que a ciência e a habilidade médica possam retardar muito essa amiga apressada.

E com toda essa fugacidade da vida penso na invisibilidade da existência de tantos passageiros deste planeta, gente que sente, que sofre, que se alegra, gente que tem uma resistência hercúlea e são invisíveis!

São invisíveis para o respeito, a consideração, o reconhecimento, o cuidado, a homenagem, ao presente e penso que esses invisíveis são os mais presentes nesta existência! são os que constroem, os que limpam, os que ajudam as plantas a brotar, os que puncionam as veias, os que passam dias e noites em plantão para salvar vidas.

Tenho um sonho: de que todas essas pessoas despretensiosas de fama, que fazem seus trabalhos com total entrega, onde mesmo existindo na invisibilidade se tornem prioridade, para que possamos viver de uma forma cada vez melhor, em que todas sejam muito felizes!

Os sonhos são reais enquanto duram? Tenho pensado muito nisso enquanto estou praticando a besteirologia. Creio que sou um onironauta, um explorador do mundo dos sonhos.

Recordo-me da Isa, que já atendíamos no Instituto da criança há alguns meses. Ela se demorando num sono contínuo e nós imaginando se ela estaria em um mundo de sonhos... Para o sistema funcional neural, cuja ati-

vidade cria nosso mundo, não há diferença entre sonhar uma percepção e uma ação, e a percepção e a ação da vida consciente.

Na UTI, encontramos nossa amiga "Isa" que resolveu voltar para essa realidade depois de meses! Penso que todo o tempo que estivemos com ela, mergulhamos juntos naquele mundo onde ela estava. Não que ela tenha dado alguma pista disto no momento em que atuamos com toda a nossa instrumentação besteirológica. Muito pelo contrário, achamos até que ela poderia querer nos ver longe dali, dada a sua realidade tão especial de imobilidade total. Naquele momento, a sua tentativa de se comunicar conosco com sorrisos, recusas ou aprovações, me fez pensar em quantas dimensões atuamos.

Isa: — Vem aqui!

Mãe: — Ela está chamando vocês!

Os dois besteirologistas se aproximam para ouvir sua voz baixinha, bem pertinho. Isa lhes dá um beijo! Os dois ficam perplexos. Fingem que está tudo normal, cantam uma música que era o exame besteirológico mais usado para ela e depois saem correndo, ofegantes de tanta emoção!

Muitas das nossas experiências são sensoriais e intangíveis, grande parte do que percebemos nem pode ser expresso. Se você olhar bem dentro dos nossos olhos você descobre facilmente! As palavras estimulam a curiosidade e o silêncio revela.

Temos que perceber com muita delicadeza esse universo poético. Às vezes passamos montados em cavalos de nuvens, às vezes como uma bateria de escola de samba. Descobrimos que gases, pum, ventinho e peido fazem muito bem para o humor, descobri meu instrumento musical!

O mundo está um caos. É o que vemos, ouvimos, lemos e assistimos, num barulho ensurdecador, diariamente. Precisamos descobrir silêncios ativos para transformar a nossa vontade e realidade para um mundo mais poético e simples!

O mundo está triste, sejamos o antídoto, sejamos mais Poesia!

Sonho com que nas décadas futuras, as grandes catástrofes não sejam os despertadores necessários para sabermos de nossa finitude e para darmos valor aos verdadeiros valores, mas que sejam a Arte, a Empatia, a Humanidade e a Alegria esses faróis!

E SE... ISSO NÃO PASSAR, COMO VAMOS FICAR?

Nice Vasconcelos

Coordenadora Administrativa e Produção | Recife

Em tempos tão difíceis, onde tudo se calou, o ser humano se trancou, a tristeza perpetuou, onde anda o amor?

A dor então desabrochou, a tristeza se consolidou, as lágrimas rolaram e o medo atuou.

Hoje estou a perguntar, E SE... isso não passar, como vamos ficar...

A saudade a maltratar.

A criança a se calar.

O adulto a questionar...

O porquê da situação, o que fizemos, ontem éramos livres, hoje enclausurados, como vamos ficar?

E SE

A tristeza arrebatou todo amor do coração, eu pergunto ao meu irmão. Quero dormir e sonhar com um mundo bem melhor, onde eu possa caminhar respirando ao ar livre e me comunicar, contar que meu maior sonho virá, eu vou aguardar e te chamo pra embarcar neste sonho comigo. Não te detenhas, meu amigo, tudo isso vai passar, a vacina vai chegar para todos e vamos nos tratar. Não é proibido revelar o sonho mais otimista que eu tenho nesta vida, o de que vamos superar.

E SE ...

Nada mudar, porventura vou ficar esperando o sonho se realizar.

Vamos nessa, pessoal! Pra romaria rezar, em prol da nossa gente que sonha tão contente, pensando simplesmente que vamos voltar a nos abraçar.

E SE... TUDO QUE VIVEMOS NÃO TIVESSE A PRETENSÃO DE NOS TORNAR PESSOAS MELHORES?

Douglas Souza

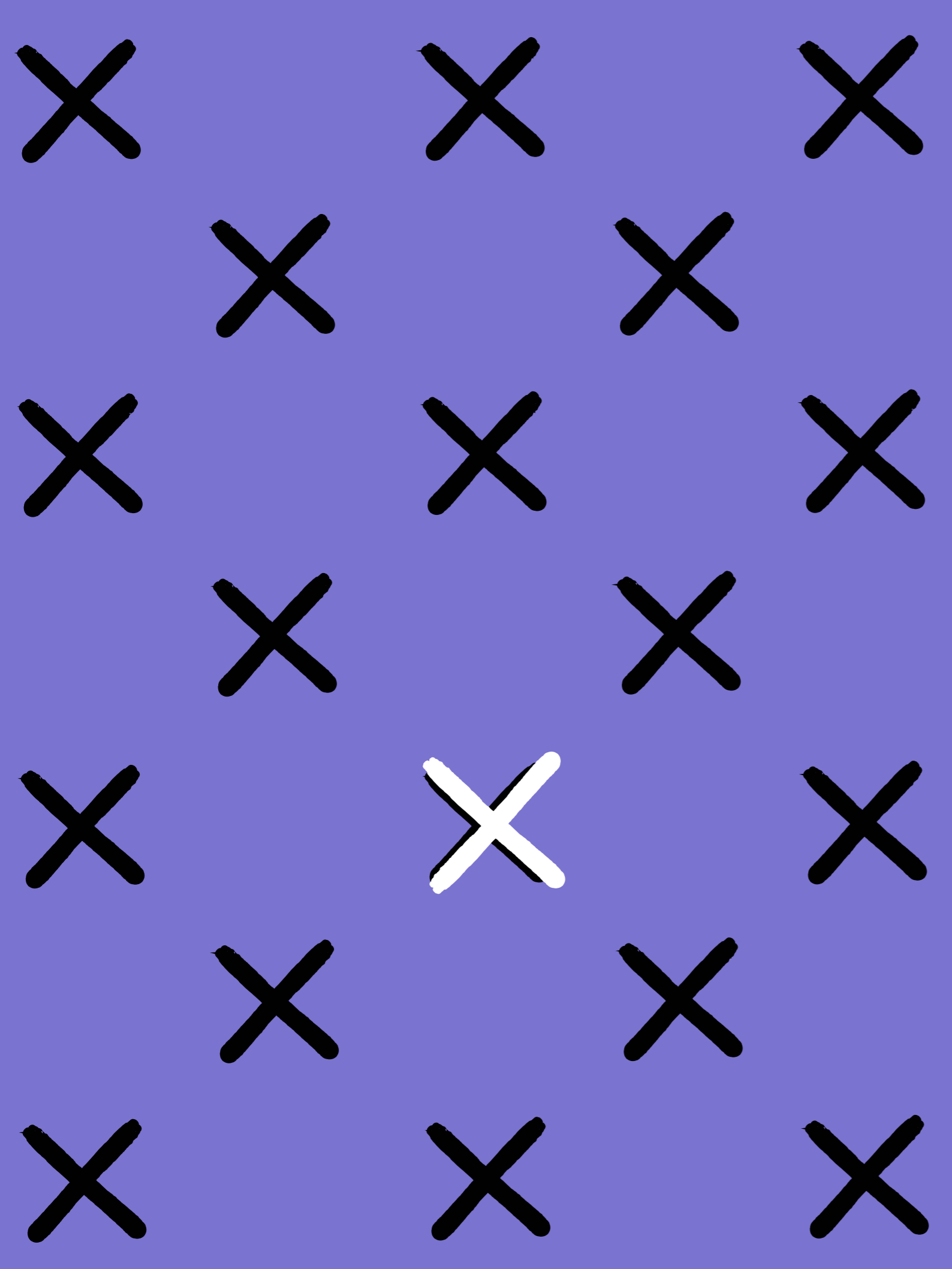
Auxiliar Administrativo | Recife

Oxente! Nem posso ainda dançar aquele forró
Logo eu, do jeito que gosto de remexer o esqueleto
Durmo e acordo, todos os dias, pensando se mereço
Mas, na imensidão dos meus pensamentos, vislumbro um dia melhor

Me desatei no meu próprio abraço quente
O que mais sonho, é viver em companhia
Agora sei que eu mesmo posso ser, o que antes não sabia
O bom da vida é dividir e degustar de todas as alegrias

E Se eu tenho razão? Isso eu já nem sei
Só sei que preciso sonhar, para o Amor perpetuar
Seja agarradinho ou só, ou numa corte como um Rei
Hoje só quero viver, amar e sonhar

Peço a Deus, do lado de cá,
Nunca me deixes, nessa caminhada, parar
Prometo para sempre viver
E nunca parar de sonhar



RESISTIR E EXISTIR COMO SER HUMANO E ARTISTA

Sandro Fontes

Dr. Sandoval | São Paulo

A arte sempre dá um jeitinho de ser e existir, mesmo em meio às tantas dificuldades. Se um dia a arte deixar de existir, o ser humano também sem ela não existirá, pois a arte está em cada pedacinho do mundo e de nós...

No nosso mais íntimo, somos feitos de sonhos, poesia, música, livros, curtas e longas metragens, dança, ritmo, compasso e descompasso, imagens, gravuras, pinturas e de tudo mais além que a arte pode e vai se manifestar com ou sem incentivo daqueles que regem nações sem nenhuma empatia por nós...

Continuaremos existindo e resistindo, por nós e por vocês, grande público expectador... A arte é uma oportunidade que temos para nossa redenção humana, espiritual e afetiva.

Viva! E salve a arte em todas as formas em que ela se manifesta!

E SE... SEMPRE ACREDITANDO NO SER HUMANO

Val Pires

Dr. Valdisney | São Paulo

E se você acordar, abrir a janela e o dia estiver lindo
[independente de sol, chuva ou tempestade
E se a gente tomasse sempre o melhor café da manhã
E se a gente trabalhasse só com o que gosta
E se a gente sempre olhasse nos olhos das outras pessoas
E se não importasse diferenças de cor, raça, sexo, religião
E se as crianças não adoecessem
E se o Hospital fosse só pra pequenos "reparos"
E se não existissem doenças graves
E se a Arte, cultura e diversão fossem para toda gente
E se houvesse União
E se a gente se tratasse como irmãs e irmãos
E se a natureza...
E se viver. E se cuidar...E se respeitar...
E se as palhaças e os palhaços...
"Ah! eu queria, que essa fantasia fosse eterna,
Quem sabe um dia a Paz vence a guerra,
E viver será só festejar!!!!!"
Eh oh! Eh oh!
(Evandro Rodrigues| Daniela Mercury)
E se...
E se tiver um tempinho, ouça:
E se... de Chico Buarque & Francis Hime
E se delicia!!!!!

ESPERANÇAR

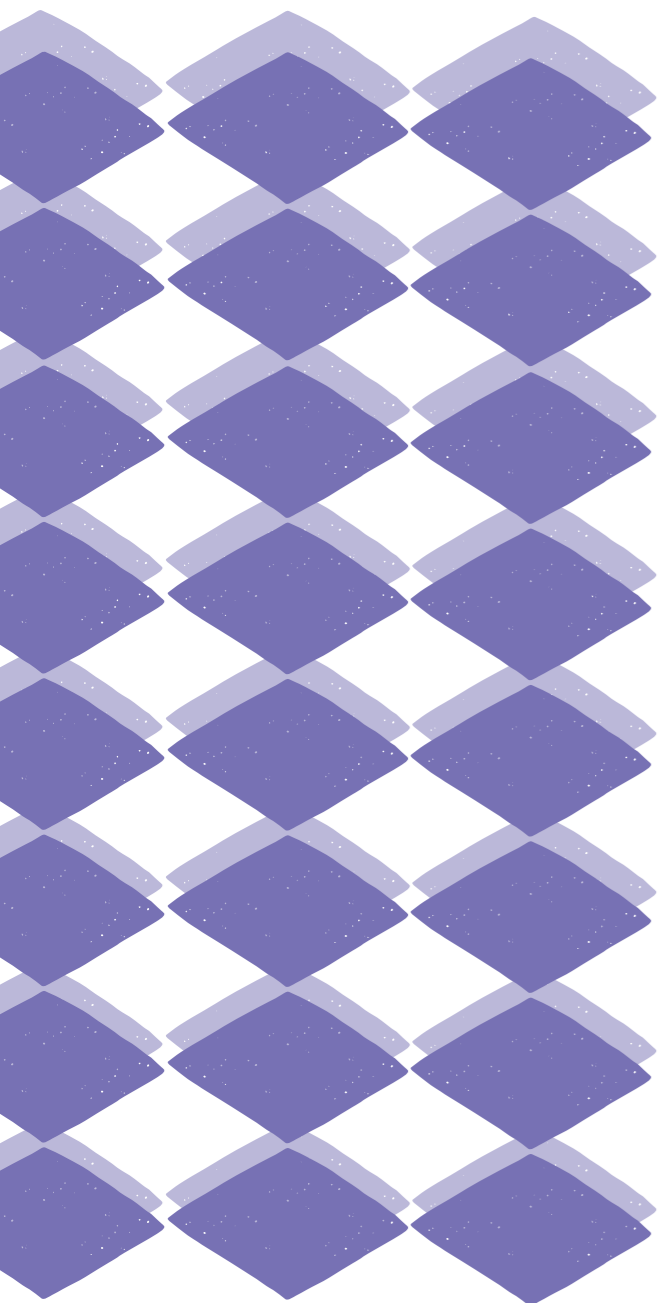
Simone Pimentel

Diretora Financeira

Não sei se é só

penso, logo existo

ou se é mais
sinto, logo existo
mas sei que ainda
sonho,
e por isso insisto
e por isso persisto
e por isso resisto
todos os dias.



A CURADORIA DOS MEUS SONHOS

Anderson Machado

Dr. Cavaco | São Paulo

O “se” é mágico! Já dizia o grande ator e diretor russo, Stanislavski.

Considero um grande presente a possibilidade de criar novos mundos a partir da nossa imaginação. Atuando nos hospitais, nós, bestiologistas, temos o privilégio de criar novos mundos com a ajuda das crianças, acompanhantes e profissionais de saúde.

“E se o porta-soro fosse um ponto de ônibus? E se a luva cirúrgica fosse um peixe? E se a enfermeira fosse assistente de uma escola de samba?”

E assim, de “E se?” em “E se?”, rindo e imaginando, construímos galáxias inteiras durante um dia de atendimento. Algumas que se dissipam assim que vamos embora e outras que perduram até a próxima visita, como se retornássemos ao mesmo sonho depois de alguns dias.

Dentre os tantos “E se?” que já imaginei, me lembro de um que foi um divisor de águas:

—E se eu fosse Doutor da Alegria? Foi no ano de 2005, logo após ver o filme de 10 anos da Instituição e, encantado com o trabalho nos hospitais, ousei imaginar como seria o Dr. Cavaco. O novo filme que se passou na minha imaginação foi arrebatador. Me senti pleno nesse sonho e, a partir de então, comecei a concentrar minhas forças na realização desse ideal. Um desejo que não visava apenas uma satisfação do próprio ego e sim, de fazer parte de uma organização que visa o bem-estar coletivo. Ou seja, um sonho que já estava sendo sonhado coletivamente.

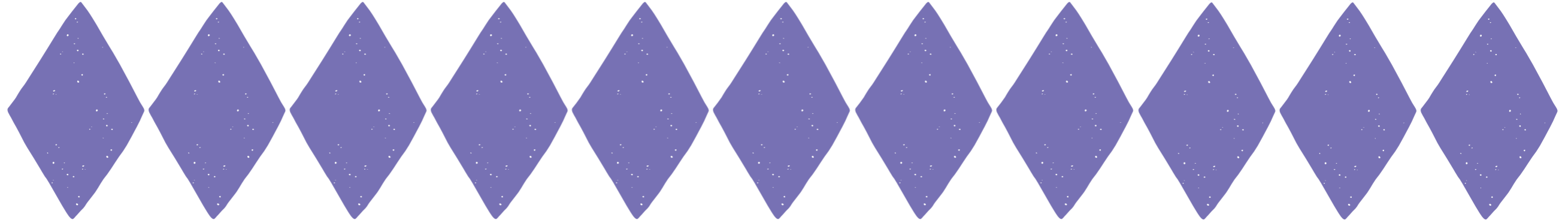
Desde que optei em seguir pelo caminho artístico, venho realizando projetos me alimentado desses sonhos, pois a possibilidade de realizá-los é o que me motiva a acordar.

Nikola Tesla, por exemplo, construía suas invenções na imaginação antes de concebê-las no mundo real. Depois que obtive essa informação, concebi um pequeno circo no meu imaginário

E se o hospital, a política e a espiritualidade fossem desenvolvidas no mesmo lugar?

Hoje, com o sonho realizado, sou muito grato por trabalhar há 10 anos nessa instituição que está completando 30 anos em 2021. Foram milhares de “E se?” que transformaram momentos, dias e vidas.

Já sonhei escrever um artigo para o Boca Larga e aqui estou. Acredito que imaginar tem o poder de criar e facilitar novas realidades. Nikola Tesla construía suas invenções na imaginação antes de concebê-las no plano físico, Mozart também compôs muitas melodias em sua mente antes de tocá-las no piano, e eu, que imaginava ser Doutor da Alegria, hoje imagino, e realizo, muitos outros projetos sociais pelo país. Vou seguindo trabalhando pela arte, pela educação por uma sociedade mais justa. Acho que o trabalho nunca vai acabar, mas a possibilidade de realizar sonhos é o que me move.



SERES SONHADORES

Olga Ferrario

Dra. Muskyta | Recife

Nossa cabeça viaja no espaço-tempo e está sempre sambando entre memórias, sua imensa gama de emoções, e expectativas sobre o futuro. Minha avó sempre me diz: “o melhor da festa é esperar por ela”. Desde pequenos, vamos especulando e desejando saber como seremos no futuro. Quando eu for como a minha prima, que ainda é adolescente, vai ser incrível! Mas legal mesmo vai ser quando eu tiver a idade da minha mãe, porque aí vou poder dirigir.

E imagina se perdêssemos a capacidade, mesmo que repentinamente, de nos esquecermos? Um dia seria um peso para nossas cabeças. A gente ia lembrar de tudo, até quantas vezes a gente fez xixi no dia e os cômodos do juízo, tudo abarrotado de coisas, sem lugar para novas ideias e novos ares. Ufa! Que bom que muita coisa a gente esquece e que bom que muitas outras a gente lembra, principalmente as coisas boas.

Acontece que tem as coisas que a gente não esqueceu, mas também as que gente não lembra, essas formam nosso inconsciente, uma parte de nós que fica ali, naquele quatinho dos fundos, escurinho e pouco visitado... Essas ideias são meio tímidas e só dão as caras quando tudo tá bem seguro, calmo, tudo bem quieto, escuro e, aí sim, elas aparecem. Como uma flor noturna, que se abre quando todas as outras estão fechadas. Essas ideias muitas vezes vêm em formato de sonhos.

Nem sempre esses sonhos são sonhados à noite com olhos fechados, essas ideias às vezes vêm de dia também, em sonhos de olhos bem abertos e com a mente tranquila. Já houve casos em que gente arregalou bem os olhos quando sentiu que já viveu aquela situação anteriormente, exatamente do jeito que ela estava acontecendo? E outras vezes em que a gente sente que conhece aquela pessoa que a gente nunca viu na vida?

Pois é, tem espaços na nossa cachola que a gente desconhece.

Eu acho maravilhoso viajar na nossa natureza humana. Mas, teve uma coisa muito importante que conheci quando meu nariz um dia nasceu vermelho, quando me conheci palhaça da Doutores da Alegria: o presente. Não foi nenhum presente que ganhei, nem dei, não aqueles presentes que a gente conhece e que estão sempre nos convencendo que é importante a gente comprar e ter. Esse presente ganhei assim, bem lá dentro, como se descobrisse um órgão novo dentro desse corpo que carrego todos os dias de todos os anos comigo: o momento presente. Esse danadinho você nunca consegue pegar, ele é escorregadio que só ele, toda vez que você pensa em agarrá-lo, para prender mesmo generosamente numa fotografia que seja, numa carta escrita tão carregada dele, aí já não é mais ele. E nem assim, ninguém nunca conseguiu, porque ele sempre corre e ri da cara da gente tal qual uma palhaça ou um palhaço, que ninguém consegue decifrá-lo ou prendê-lo, seja como for, em rótulos, em nada. Podemos dizer que são seres

alegres, mas no momento seguinte estão chorando, são muito tranquilos e pacíficos e no outro agora que já não é aquele, estão com raiva, xingando o outro de coisas que a gente não ouve por aí: seu macarrão sem molho, varapau, tapioca sem recheio. É porque eles são exatamente como o momento presente, incontroláveis, livres, imprevisíveis.

Pois bem, quando conheci esse tal de momento presente estava vivenciando minha palhaça, Dra. Muskyta, e ali tinha todos os tempos ao mesmo tempo agora. Cheia de urgência, de memórias, de intuição, intenções e, com tudo isso, respirando fundo no momento presente, tem sido até fácil pegar um impulso e voar junto com as asas dela, Muskyta, que ainda bem que sou eu mesma. Minha versão cheia de sonhos, de amigos, de desejos de um mundo melhor e de momentos presentes que escapam entre os dedos.

Bom mesmo é saber que quando o dia acaba, posso deitar a cabeça no travesseiro e reencontrar os sonhos.

Se evitarmos o cataclismo, talvez seja justamente no campo da imaginação ativa, em pleno sonho lúcido, que se encontre o local mental adequado para indagar a maior pergunta de todas: por que existe a realidade? Estamos vivendo num sonho, numa simulação? Nascemos, vivemos e morremos em absoluta perplexidade metafísica, pois simplesmente não temos respostas. No futuro, sonhar será cada vez mais clarão...

SIDARTA RIBEIRO

DOUTORES DA ALEGRIA

FUNDADOR

Wellington Nogueira

DIRETORIA ESTATUTÁRIA

Luis Vieira da Rocha
Diretor Presidente

Daiane Carina
Diretora de Relações Institucionais

Simone Pimentel
Diretora Financeira

Lourdes Atié
Diretora de Formação

Ronaldo Aguiar
Diretor Artístico



DOUTORES DA ALEGRIA

Rua Alves Guimarães, 73 - Pinheiros,
05410-000, São Paulo/SP
doutores@doutoresdaalegria.org.br
(11) 3061-5523

BOCA LARGA

COORDENAÇÃO EDITORIAL E ORGANIZAÇÃO

Lourdes Atié

COMITÊ EDITORIAL

Arilson Lopes, Danilo Lima, Gabriela Caseff, Lourdes Atié e Ronaldo Aguiar

EDITORIA DE ARTE E PROJETO GRÁFICO

Iêda Alcântara

REVISÃO

José Valdimir Araújo Filho e Ligia Souza

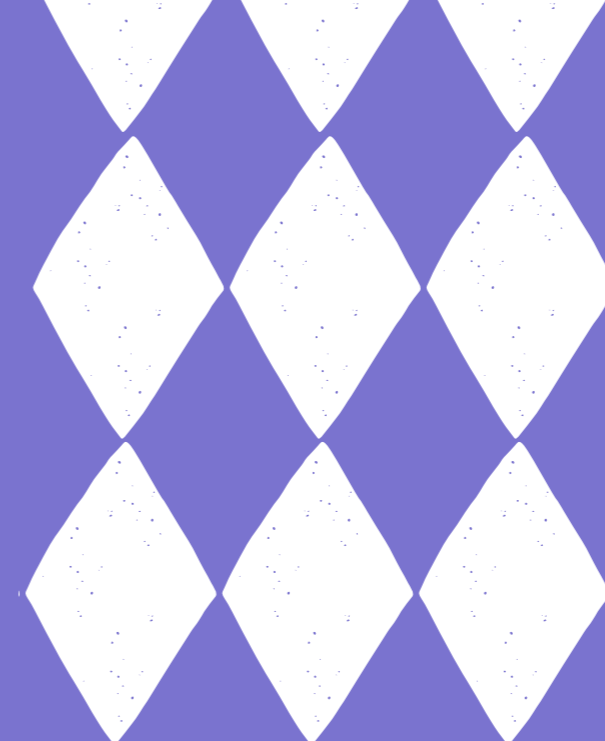
COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Allan Benatti, Ana Flávia, Anderson Machado, David Taiyu, Denis Goyos, Douglas Souza, Elza Maria de Jesus, Gabriel Rosa da Silva, Larissa da Silva Lima, Lourdes Atié, Luciana Viacava, Luis Silva, Marcio Douglas, Nereu Afonso, Nice Vasconcelos, Olga Ferrario, Paola Musatti, Raul Figueiredo, Roberta Calza, Sandro Fontes, Simone Pimentel, Thais Ferrara, Val Pires.

BOCA LARGA é uma publicação da associação Doutores da Alegria.

Nesta edição respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem autorização da organização.



Títulos e textos em VAG Rounded Std

Publicação digital

São Paulo, dezembro de 2021



**Doutores
da Alegria**